(Ilustrado por Michael Hogg, Army Press)

O Futuro da Guerra

Como a Globalização Muda o Paradigma de Segurança

Cap Johnny Sokolosky Jr.,
Exército dos EUA

Segundo Colocado no Concurso de Redação DePuy, de 2015

Nada é como tínhamos deixado quando fomos para as montanhas após o 11 de Setembro.

—David Kilcullen

Em 11 de setembro de 2001, o mundo passou por um evento cataclísmico que desde então tem definido a política de segurança nacional dos Estados Unidos da América (EUA). Enquanto os EUA mudaram o seu enfoque para a crescente ameaça do terrorismo transnacional, a globalização continuou a exercer a sua influência.

No nível mais básico, ela é a integração de comércio, ideias, serviços, informações, tecnologia e comunicações. O movimento gradual para a globalização tem existido desde o nascimento de civilizações, mas nas últimas décadas o fenômeno progrediu exponencialmente, com avanços em tecnologias de comunicação e de transporte.

A gama dos efeitos da globalização moderna é bastante significativa. No nível local, ela permite que os cidadãos bebam café relativamente barato da Etiópia nas lojas Starbucks. No nível estratégico, ela é responsável pelo crescimento rápido das economias emergentes, como as da China e da Índia.

Embora os efeitos da globalização estejam amplamente contestados e não inteiramente entendidos, o que fica evidente é que ela é uma força que está mudando significativamente a forma como o mundo funciona. Prever o futuro da guerra é uma perda de tempo, mas uma análise das tendências globais proporciona pistas perspicazes sobre o ambiente de segurança que moldarão a forma como os Estados Unidos irão conduzir a guerra no futuro.

Como resultado da globalização, o ambiente de segurança que os Estados Unidos encaram atualmente se distancia do conflito interestatal. Portanto, a sua estratégia militar precisa refletir essa mudança ao aprimorar a sua capacidade de projetar poder em um futuro dominado por conflitos internos, terrorismo transnacional e pela urbanização.

As seguintes seções irão abordar essas tendências globais e prover recomendações sobre como podemos encarar os desafios que se originam delas, apesar das realidades fiscais no país.

O Declínio do Conflito Interestatal

O mundo já entrou na era do grande poder da paz permanente[1].

—Christopher J. Fettweis

Desde 1945, a quantidade de conflitos interestatais (entre Estado-nações) tem diminuído precipitadamente, apesar da triplicação do número de Estados na comunidade internacional[2]. Em comparação com o conflito intraestatal (interno), os conflitos interestatais são bastante infrequentes. Na maioria dos anos, menos de três conflitos estão em progresso em qualquer tempo, e desde 2004 até 2010, não houve conflito interestatal algum[3]. Essa tendência em declínio é notável, mais ainda não é reconhecida, em grande medida, pelas Forças Armadas dos EUA. Sem dúvida, muitas variáveis contribuem para essa tendência, como o efeito dissuasor das armas nucleares ou o avanço da democracia por todo o mundo. Contudo, um número de estudos atribuem o declínio dos conflitos interestatais à globalização[4]. Kristian Gleditsch e Steve Pickering descrevem bem o efeito pacificador da globalização: "Os Estados com mais comércio e com relações econômicas mais extensivas têm mais probabilidade de ter custos de oportunidade mais elevados associadas com uma escalada bélica e talvez tenham mais oportunidades de exibir intenções e chegar a uma resolução por outros meios além da força"[5]. A interconexão de Estados, em efeito, limita os benefícios da guerra convencional e promove outros meios para realizar finalidades políticas.

Embora o declínio do conflito interestatal seja uma tendência positiva, é importante notar duas coisas. Primeiro, embora a ocorrência de conflito interestatal permaneça baixa, o risco de conflito entre Estados ainda existe, particularmente entre países vizinhos com crescentes populações competindo por recursos em declínio. Segundo, os Estados estão progressivamente mais inclinados a apoiar guerras "por procuração" ao invés de envolver-se em um conflito direito, como esforço para realizar ganhos políticos ou estratégicos. O apoio material da Rússia aos separatistas na Crimeia e na Ucrânia oriental ressaltam essa estratégia. Embora uma invasão convencional completa seja inaceitável para a comunidade internacional, a estratégia russa de negação plausível capacita o país a infringir nas fronteiras soberanas da Ucrânia, instigar instabilidade e capturar território estratégico.

Para demonstrar a relutância da comunidade internacional de recorrer à guerra convencional, considere o seguinte exemplo. Em 17 de julho de 2014, o Voo 17 da Malaysia Airlines foi derrubado na Ucrânia, matando 298 pessoas[6]. Abater um avião de passageiros voando em 32.000 pés (9.700m) de altura é claramente além da capacidade normal de um combatente guerrilheiro, e as evidências apontam para uma ação de separatistas apoiados pela Rússia. Mesmo assim, apesar do envolvimento indireto da Rússia em um ataque que matou cidadãos de vários países, a comunidade internacional decidiu não responder com uma investigação e sanções econômicas.

Esses são exemplos poderosos de como os Estados estão inclinados a comportar-se na era da globalização — e levantam a questão: Qual seria o limite mínimo em que os Estados Unidos iriam se comprometer, mais uma vez, com uma guerra convencional de grande escala, considerando a recente redução de tropas, após nosso período mais prolongado de combate?

Um homem segura um cartaz apontando o Facebook como "a rede social egípcia" durante um protesto, no Egito, 1 Fev 11. As redes sociais exerceram um papel central no levante que, com o tempo, forçou a resignação do Presidente egípcio Hosni Mubarak.

(Foto cortesia da Wikimedia Commons)

O Surgimento de Conflitos Internos

A cultura estratégica dos EUA possui uma longa tradição de minimizar a importância dessas preocupações atípicas, em favor de uma concentração no poder militar mais convencional baseado em Estados.

—Audrey K. Cronin

Embora a guerra irregular represente aproximadamente 83% de todos os conflitos durante os últimos dois séculos de guerra, a globalização estabelece as condições que incentivarão mais a guerra irregular e o conflito interno, em comparação com a guerra convencional interestatal[9]. Como observado na seção anterior, parece menos provável que os Estados que estão integrados na economia global empreguem a força militar convencional. Em vez disso, o aumento nos custos de oportunidade compele que Estados empreguem "forças por procuração" para realizar os objetivos políticos. O apoio iraniano aos houthis no Iêmen e o apoio aos mujahedin pelos EUA, durante a Guerra Soviético-Afegã, são dois exemplos.

Além disso, a possibilidade de guerra cibernética aumenta, como evidente pelo vírus Stuxnet que causou danos físicos à instalação nuclear iraniana, em 2009-2010[10]. Embora esse evento fosse supostamente realizado por Israel e pelos Estados Unidos, a capacidade dos atores não estatais realizarem, futuramente, um ataque de escala semelhante contra a infraestrutura essencial ou contra as redes globais não deve ser subestimada.

Outra tendência global que influencia o conflito interno é o processo de democratização. Embora os conflitos entre Estados democráticos desenvolvidos sejam praticamente inexistentes nos tempos modernos, o caminho para a democracia é, muitas vezes, obtido por meio do conflito interno porque a globalização proporciona mais possibilidades e ferramentas às pessoas que buscam liberdades democráticas.

Considere os movimentos revolucionários que varreram o Oriente Médio e o Norte da África, e que

começaram com a autoimolação de um vendedor ambulante de 26 anos chamado Mohamed Bouazizi, em 2011[11]. O vídeo da sua morte se difundiu rapidamente entre o povo e desencadeou manifestações de massas, exigindo a democracia, que no final conduziu à queda de vários regimes na região.

O efeito da globalização como uma fonte para a promoção de descontentamento de povos contra os seus governos não pode ser subestimado. A interconexão de pessoas por meio da tecnologia proporciona maneiras para os oprimidos terem voz, onde antes nenhuma existia. Por exemplo, quando o regime de Mubarak, do Egito, cortou acesso à internet durante os protestos iniciais, em 2011, o Google e o Twitter estabeleceram um serviço que capacitou os manifestantes a colocarem mensagens no Twitter ao chamar e deixar um correio de voz[12]. Nesse desenvolvimento incrível, duas empresas multinacionais influenciaram os interesses dentro de um país, de uma maneira sem precedentes.

Da mesma forma, a expansão rápida do Estado Islâmico, também conhecido pela sigla ISIS, em inglês, demonstra a capacidade da globalização de melhorar o poder e influenciar atores não estatais. O ISIS provou ser consideravelmente eficaz no emprego da mídia social para infligir terror, capturar territórios, angariar dinheiro, recrutar integrantes e propagar os seus objetivos.

Além disso, ao empregar a mídia social e as capacidades modernas de transporte, o ISIS aproveitou a governança fraca e ineficiente da Síria e do Iraque para estabelecer controle ao longo de grandes extensões de território, em um período de tempo muito curto. Embora um grande número de imigrantes tenha entrado no Afeganistão durante a Guerra Soviético-Afegã, o movimento rápido de dezenas de milhares de apoiadores do ISIS, em um breve período, é muito revelador sobre a influência da globalização atual.

Esses exemplos mostram a possibilidade de mais conflito interno e guerra irregular, conforme os atores não estatais crescem em influência e se tornam cada vez mais envolvidos, como competidores nos assuntos internos de Estado. Com respeito a esses desenvolvimentos, a estratégia dos EUA precisa levar em consideração que as capacidades modernas de comunicação e de transporte provêm aos adversários mais ferramentas e incentivos para a condução da guerra assimétrica.

O Efeito no Terrorismo Transnacional

Os Estados que enfrentam elevados graus de decadência são, de fato, mais suscetíveis aos ataques terroristas transnacionais e contribuem desproporcionalmente ao terrorismo transnacional que visa outros países[13].

—James A. Piazza

Antes de 11 de setembro de 2001, a estratégia de contraterrorismo dos EUA tratou o terrorismo principalmente como uma atividade criminosa, em vez de uma forma de guerra. A letalidade e a sofisticação dos ataques de 11 de Setembro demonstraram que a Al Qaeda e outras organizações terroristas eram capazes de projetar o seu poder e influência em escala global e em um nível de intensidade bem acima do que fora comumente considerado como a simples criminalidade

Blindados pesados ucranianos se retiram da região de Donbas, na Ucrânia, 4 Mar 15.

(Foto cortesia da Missão de Monitoramento Especial à Ucrânia da Organização para Segurança e Cooperação na Europa — OSCE)

antes dos eventos do dia. Audrey Cronin argumenta que a globalização é parcialmente responsável por essa mudança, tendo em vista que os terroristas atualmente "possuem acesso a tecnologias mais poderosas, mais alvos, mais território, mais meios de recrutamento e mais fontes exploráveis de ódio do que nunca"[14].

Como resultado da globalização, a crescente disponibilidade de vários bens, tecnologias e transporte, a custos mais baratos que nunca, fornece uma maior variedade de opções e ferramentas para as organizações terroristas exercerem controle. Os avanços nas tecnologias e comunicações globais, da mesma forma, capacitam aos terroristas a compartilhar ideias, trocar técnicas, coordenar atividades e conectarem-se com um público ainda maior, além das suas comunidades locais. Uma importante questão é saber se o seu acesso às armas assimétricas se estenderão, com o tempo, às armas de destruição em massa ou aos ataques cibernéticos catastróficos.

O efeito da globalização no terrorismo transnacional, contudo, é mais complicado do que simplesmente ajudar as organizações terroristas. O desenvolvimento econômico resultando da globalização, também, tem um efeito notável sobre a atividade terrorista, particularmente entre quaisquer duas economias bem integradas. Um estudo, de 2004, analisou 112 países entre 1975 e 1997, e os resultados sugeriram que "um aumento de 1% na medida do Produto Interno Bruto (PIB) per capita das oito primeiras nações de destinação de exportação de um país diminui o número antecipado de incidentes terroristas transnacionais, dentro deste mesmo país, em 47,5%"[15]. Essa importante descoberta ressalta que Estados com vínculos econômicos influenciam a atividade terrorista dentro e entre os seus países, e o poder da economia de um Estado afeta se o terrorismo é exportado a um parceiro econômico. Portanto, quanto maior a integração econômica (e a prosperidade econômica), é menos provável que ocorra atividade terrorista.

Para ilustrar ainda mais esse ponto, as áreas onde os benefícios da globalização ainda não se materializaram, como nos Estados fracassados ou em via de fracassar, são mais vulneráveis às atividades terroristas. James A. Piazza explica que nessas áreas de governo deficiente, "é mais fácil para os movimentos terroristas penetrar, recrutar e atuar"[16]. Os Estados com fortes economias possuem uma maior capacidade para prover segurança e as funções de imposição da lei essenciais para enfrentar as atividades de organizações terroristas. Por exemplo, uma nação desenvolvida, como a Alemanha, conta com um forte sistema de imposição da lei e de Inteligência, porque pode arcar com isso. Por outro lado, a Al Qaeda explorou as áreas sem lei do Afeganistão antes de 11 de Setembro, da mesma forma que o Estado Islâmico preencheu a lacuna nas áreas deficientemente governadas do Iraque e da Síria.

Uma jovem faz um gesto para a câmera durante uma demonstração em protesto contra a fraude eleitoral na Albânia, 21 Jan 11.

(Foto cortesia da Wikimedia Commons)

O Crescimento da Urbanização

A continuada urbanização e o crescimento geral da população mundial são estimados que acrescentarão 2,5 bilhões de pessoas à população urbana antes de 2050, com quase 90% do aumento concentrado na Ásia e na África[17].

—Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas

A globalização, também, influencia o ambiente de segurança ao incentivar o fenômeno mundial de urbanização. As populações gravitam em torno dos centros urbanos, já que são os principais beneficiários do crescente comércio, de investimento direto do exterior e do desenvolvimento econômico que são promovidos pela globalização. Durante as últimas seis décadas, o mundo tem passado por um período de crescimento urbano excepcional. Em 2007, a população urbana ultrapassou a população rural mundial. Antes de 2050, dois terços do mundo residirá nas áreas urbanas[18]. O mundo não está apenas transformando aldeias em cidades; algumas cidades estão se expandindo em números desconcertantes. Atualmente, as seis maiores megacidades possuem populações que variam entre 21 milhões e 38 milhões de habitantes. Antes de 2030, é previsto que haverá 41 megacidades, com mais de 10 milhões de habitantes[20]. Para colocar isso em perspectiva, a guerra no Iraque foi travada em um país com aproximadamente 24 milhões de pessoas (já em 2014)[21]. Hoje, a maior cidade do Mundo é Tóquio, que possui 14 milhões de pessoas mais do que o Iraque, concentradas em uma área urbana[22].

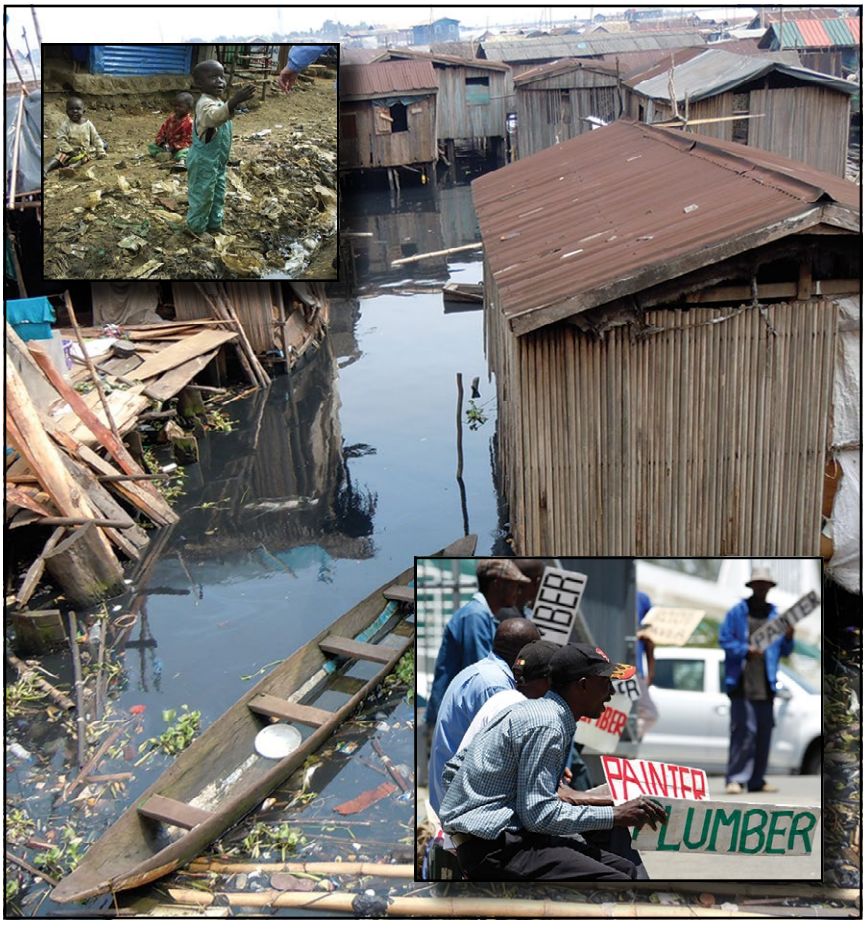

Foto: Palafitas na favela Makoko, uma das mais antigas em Lagos, na Nigéria, 1 Nov 10. Originalmente uma aldeia de pescadores, a laguna tem aproximadamente 100.000 residentes.

Esquerda Superior: Uma criança pede comida enquanto os seus irmãos brincam perto de um esgoto aberto no distrito da favela Kibera em Nairóbi, no Quênia, 20 Jul 05.

(Foto cortesia da Wikimedia Commons)

Direita Inferior: Trabalhadores habilidosos seguram cartazes oferecendo serviços de trabalho temporário em Glenvista, ao sul de Johannesburg, na África do Sul, 7 Out 10.

(Themba Hadebe/ Associated Press)

Para muitos no mundo, o efeito da globalização com respeito à urbanização, é extremamente positivo, tendo em vista que o crescente desenvolvimento econômico fornece emprego, aumenta o padrão de vida e promove oportunidades educacionais[23]. Essa tendência, no entanto, também cria grande pressão sobre a governança, serviços básicos, educação, tratamento de saúde e o setor de energia. Por exemplo, o Egito anunciou recentemente planos para construir uma capital completamente nova para aliviar os fatores estressantes causados pelos 18 milhões de residentes[24]. Esses fatores são complicados ainda mais na escala mundial, como ilustrado em um estudo, de 2011, que revelou que, antes de 2050, mais de um bilhão de pessoas morando nos centros urbanos não terão água suficiente. Os cenários que podem ocasionar a entrada dos Estados Unidos nessas áreas são igualmente assustadores. As megacidades acossadas por desastres naturais, epidemias ou um governo fracassado representariam grandes desafios humanitários e de segurança para a comunidade internacional.

Duas áreas geográficas em particular enfrentarão problemas e pressões progressivos, devido ao rápido

crescimento populacional. Minh Dao explica, "muitas cidades na África e no Oriente Médio estão crescendo rapidamente, mesmo na ausência de um desenvolvimento industrial, o que traz preocupações sobre o progressivo desemprego e subemprego nessas áreas"[26]. A falta de oportunidade de emprego, especialmente entre homens jovens de idade militar, deixa os países em desenvolvimento suscetíveis ao conflito interno, atividade criminosa e terrorismo. David Kilcullen descreve mais essas áreas subdesenvolvidas como "as mais fracamente equipadas para lidar [com o problema]: uma receita para o conflito"[27].

O Caminho à Frente

O Departamento de Defesa continuará a ter um papel essencial para exercer, porém não podemos considerar que matar ou capturar seja a nossa saída deste problema[28].

—John A. Nagl

Para ter o melhor posicionamento para lidar com essas tendências globais e condições de segurança futuras, os Estados Unidos precisam repensar sua estratégia nacional de segurança atual. Uma mudança de estratégia começa com o reconhecimento pelas Forças Armadas dos EUA de que o conflito interno e a guerra irregular provavelmente irão dominar nosso ambiente de operações, e que já não podemos nos dar o luxo de ser obcecados na guerra convencional de grande escala. É imperativo que as políticas de segurança nacional dos EUA mudem a sua ênfase para o emprego de elementos não militares do poder (diplomacia, informações, economia, finanças, Inteligência e imposição da lei) para promover maior segurança e estabilização internacionais[29]. Como o Gen Div H.R. McMaster, do Exército dos EUA, observa:

> Vencer na guerra, claro, não é apenas uma tarefa militar. A consecução de resultados sustentáveis coerentes com interesses vitais é inerentemente uma tarefa civil-militar que exige a integração do planejamento e da execução dos esforços políticos, diplomáticos, militares, econômicos, de informações, de Inteligência e, cada vez mais, da imposição da lei e do Estado de Direito[30].

McMaster reconhece que conflitos não são vencidos apenas por ataques aéreos ou operações ofensivas, mas por meio de uma aplicação equilibrada dos elementos do poder nacional para criar as condições para estabilização e segurança sustentáveis. Por exemplo, um esforço de estabilização inadequado ou de uma dependência excessiva de ataques aéreos deixa uma área vulnerável a um vácuo de poder, como evidente na era pós-Gaddafi, na Líbia.

Podemos entender melhor a estratégia nacional de segurança por meio de duas abordagens. Primeiro, a expansão de alianças militares pela iniciativa de buscar forças alinhadas regionalmente é uma oportunidade excepcional para a promoção de cooperação em segurança. Além disso, a facilitação de condições estáveis para desenvolvimento econômico e a dissuasão de ações agressivas no exterior, ao mesmo tempo que reduz o ônus econômico associado com a manutenção de um grande exército convencional[31]. O Gen Ex Joseph Votel explica que "a globalização tem criado desafios interligados, em uma escala gigantesca. Ao trabalhar apenas com uma variedade dos poderes de segurança, podemos começar a abordar esses assuntos"[32]. Os desafios interligados exigirão soluções interligadas, desde que os Estados Unidos entendam que simplesmente não se podem dar ao luxo de buscar essa estratégia sozinho.

Segundo, os Estados Unidos precisam da capacidade de rapidamente desdobrar uma força conjunta com treinamento e perícia aprimorados nas tarefas de estabilização. Além disso, essa força desdobrável não pode ser somente militar; precisa de forte representação interagências. As equipes de reconstrução provincial no Iraque e no Afeganistão — quando foram providas completamente com recursos — forneceram bons exemplos com êxitos de organização e emprego das unidades interagências. Os Estados Unidos precisam desenvolver, prover recursos e completamente financiar as semelhantes forças de conceito e capacidade como um meio permanente da estratégia nacional. John A. Nagl, acadêmico e ex-militar, explica por que essas medidas de planejamento organizacional e estratégico são necessárias:

> A vitória nessa luta longa exige mudanças nos governos e sistemas educativos de dezenas de países ao redor do mundo. Essa é a tarefa de uma nova geração de guerreiros de informações, especialistas em desenvolvimento e diplomatas[33].

Embora os críticos tenham aversão pelo retorno das missões de manutenção da paz, as consequências de deixar Estados fracassarem ou Estados fracassados permanecerem sem governança continuarão a minar nossos esforços para desarraigar o terrorismo transnacional. O Afeganistão, antes do 11 de Setembro, bem como a Síria oriental, o norte do Iraque e o Iêmen são exemplos onde espaços sem governança criaram a oportunidade para grupos terroristas encontrarem refúgios suficientes para se concentrar e se organizar. De fato, os esforços internacionais de manutenção da paz têm um forte desempenho histórico de êxito, com um estudo, de 2004, concluindo que a probabilidade de um retorno à guerra civil em países foi reduzido em 84%, devido à presença de forças de manutenção da paz[34].

Tal estratégia de segurança nacional refinada proveria aos Estados Unidos meios essenciais para a promoção de segurança nacional e de mitigação de conflitos, enquanto reduz o ônus econômico de um grande exército convencional.

Conclusão

Ao complementar a sua força militar e econômica com mais investimentos no seu poder brando, os Estados Unidos podem reconstruir o arcabouço necessário para enfrentar difíceis desafios globais[35].

—Joseph S. Nye Jr.

Este artigo não é, de forma alguma, tencionado a servir como uma declaração profética sobre o futuro da guerra, mas em vez disso busca uma forma de incentivar um pensamento profundo e uma discussão sobre mudanças no nosso ambiente de segurança. O declínio do conflito interestatal e o surgimento do conflito interno refletem mudanças que são, principalmente, alimentadas pelas forças da globalização e por outras tendências mundiais. Talvez, a mais notável das quais seja a urbanização na forma de megacidades. Se escolhermos ignorar essas tendências, somos destinados a manter uma força que será, em grande medida, mal preparada para os desafios associados com o conflito interno e a guerra irregular do futuro. Está na hora de aceitar que a guerra do futuro provavelmente não será travada como as Forças Armadas dos EUA têm tradicionalmente preferido lutar (i.e., batalhas fixas entre forças convencionais de Estado-nação), não obstante permanecerá muito conhecida como um esforço profundamente humano, mas desagradável como sempre. ■

O Cap Johnny W. Sokolosky, Exército dos EUA, é Oficial de Ligação de asa rotativa da 3ª Seção de Estado-Maior Conjunto à Força Multinacional e de Observadores em El Gorah, no Egito. É bacharel em Ciências Políticas pela East Carolina University. Serviu no Afeganistão, em apoio à Operação Enduring Freedom, *entre 2009 e 2010. Como aviador na maior parte da sua carreira, está se transferindo para exercer nova função como Especialista na Área de Serviço no Exterior.*

Referências

Epígrafe. David Kilcullen, *Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla* (New York: Oxford University Press, 2013): p. ix.

1. Christopher J. Fettweis, *Dangerous Times? The International Politics of Great Power Peace* (Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2010): p. 222.

2. Therése Petersen e Peter Wallensteen, "Armed Conflicts, 1946-2014," *Journal of Peace Research* 52(4) (2015): p. 536; *também veja,* Bruno Tertrais, "The Demise of Ares: The End of War as We Know It?" *The Washington Quarterly* 35(2) (2012): p. 9, acesso em: 7 out. 2015, http://dx.doi.org/10.1080/0163660X.2012.703521.

3. Kristian S. Gleditsch e Steve Pickering, "Wars are Becoming Less Frequent: a Response to Harrison and Wolf," *Economic History Review* 67(1) (2014): p. 216.

4. Para mais informações sobre a globalização, veja Jonathan Kirshner, "Globalization, American Power, and International Security," *Political Science Quarterly* 123(3) (2008): p. 363–389, acesso em: 7 out. 2015, http://www.jstor.org/stable/20203047; e Erik Gartzke e Quan Li, "War, Peace and the Invisible Hand: Positive Political Externalities of Economic Globalization," *International Studies Quarterly* 47 (2003): p. 561–586.

5. Gleditsch e Pickering, "Wars are Becoming Less Frequent," p.

229; *Merriam-Webster Unabridged Dictionary* online, s.v. "custo de oportunidade", "a vantagem monetária ou de outra forma cedida por algo para obtê-lo em competição com outros consumidores potenciais".

6. Tom Cohen, "Malaysian Plane Shot Down in Ukraine: What Happened," CNN online, 19 Jul. 2004, acesso em: 20 nov. 2015, http://www.cnn.com/2014/07/18/world/europe/ukraine-malaysia-plane-questions.

7. Nicola Clark e Andrew E. Kramer, "Malaysia Airlines Flight 17 Most Likely Hit by Russian-Made Missile, Inquiry Says," *New York Times*, 13 Oct. 2015, acesso em: 19 nov. 2015, http://www.nytimes.com/2015/10/14/world/europe/mh17-malaysia-airlines-dutch-report.html?_r=0.

8. Audrey K. Cronin, "Behind the Curve: Globalization and International Terrorism," *International Security* 27(2) (2002/03): p. 31.

9. David Kilcullen, "The City as a System: Future Conflict and Urban Resilience," *The Fletcher Forum of World Affairs* 36(2) (2012): p. 29, acesso em: 20 nov. 2015, http://www.fletcherforum.org/wp-content/uploads/2012/09/Kilcullen.pdf.

10. William J. Broad, John Markoff e David E. Singer, "Israeli Test on Worm Called Crucial in Iran Nuclear Delay," *New York Times*, 15 Jan. 2011, acesso em: 8 out. 2015, http://www.nytimes.com/2011/01/16/world/middleeast/16stuxnet.html?pagewanted=all&_r=0.

11. Yasmine Ryan, "How Tunisia's Revolution Began," Al Jazeera, 26 Jan. 2011, acesso em: 8 out. 2015, http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/201112612181598548 3.html.

12. Charles Arthur, "Google and Twitter Launch Service Enabling Egyptians to Tweet by Phone," The Guardian website, 1 Feb. 2011, acesso em: 8 out. 2015, http://www.theguardian.com/technology/2011/feb/01/google-twitter-egypt.

13. James A. Piazza, "Incubators of Terror: Do Failed and Failing States Promote Transnational Terrorism?" *International Studies Quarterly* 52 (2008): p. 483.

14. Cronin, "Behind the Curve," p. 53.

15. Quan Li e Drew Schaub, "Economic Globalization and Transnational Terrorism," *Journal of Conflict Resolution* 48(2) (April 2004): p. 248.

16. Piazza, "Incubators of Terror," p. 471.

17. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, "World Urbanization Prospects: The 2014 Revision," (2014): p. 2.

18. Ibid.

19. Ibid., p. 1.

20. Ibid.

21. Ibid., p. 22.

22. Ibid., p. 1.

23. United Nations Populations Division, "An Overview of Urbanization, Internal Migration, Population Distribution and Development In The World," 14 Jan. 2008, acesso em: 19 nov. 2015, http://www.un.org/esa/population/meetings/EGM_PopDist/P01_UNPopDiv.pdf.

24. Brian Walker, "Egypt Unveils Plans to Build Glitzy New Capital," CNN online, 16 Mar. 2015, acesso em: 8 out. 2015, http://edition.cnn.com/2015/03/14/africa/egypt-plans-new-capital/index.html.

25. Robert I. McDonald et al., "Urban Growth, Climate Change, and Freshwater Availability" *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 108(15) (12 April 2011): p. 6316, acesso em: 8 out. 2015, http://www.jstor.org/stable/41126649.

26. Minh Dao, "An Analysis of Growth of Urbanization in Developing Economies," *The Journal of Developing Areas* 36(1) (Autumn 2002): p. 82.

27. David Kilcullen, "The City as a System," p. 22.

28. John A. Nagl, "The Expeditionary Imperative," *Wilson Quarterly* 33(1) (2009): p. 58, acesso em: 8 out. 2015, http://www.jstor.org/stable/40262241.

29. Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-3-1, *The Army Operating Concept: Win in a Complex World* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 31 Oct, 2014), p. 23.

30. U.S. Army Lt. Gen. H.R. McMaster, "Continuity and Change: The Army Operating Concept and Clear Thinking About Future War," *Military Review* 95(2) (March–April 2015), p. 11.

31. Brett Ashley Leeds, "Do Alliances Deter Aggression? The Influence of Military Alliances on the Initiation of Militarized Interstate Disputes," *American Journal of Political Science* 47(3) (July 2003): p. 437, acesso em: 8 out. 2015, http://www.jstor.org/stable/3186107, mostra a efetividade das alianças militares.

32. United States Congress, Senate Armed Services Committee, *Statement of General Joseph L. Votel, U.S. Army Commander, United States Special Operations Command* (26 Mar. 2015): p. 7, acesso em: 20 nov. 2015, http://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/Votel_03-26-15.pdf.

33. Nagl, "The Expeditionary Initiative," p. 58.

34. Virginia P. Fortna, "Does Peacekeeping Keep Peace? International Intervention and the Duration of Peace after Civil War," *International Studies Quarterly* 48(2) (2004): p. 285.

35. Joseph S. Nye Jr., "Get Smart: Combining Hard and Soft Power," *Foreign Affairs* 88(4) (July–August 2009): p. 163, acesso em: 8 out. 2015, http://www.jstor.org/stable/20699631.